



**MIDIÃ
NOELLE**

COMUNICAÇÃO ANTIRRACISTA

**Um guia para se comunicar
com todas as pessoas,
em todos os lugares**



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



**MIDIÃ
NOELLE**

COMUNICAÇÃO ANTIRRACISTA

**Um guia para se comunicar
com todas as pessoas,
em todos os lugares**



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Midiã Noelle, 2025
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Todos os direitos reservados.

Preparação: Camila Gonçalves
Revisão: Mariana Gomes e Fernanda Guerriero Antunes
Projeto gráfico e diagramação: Gisele Baptista de Oliveira
Capa: Oga Mendonça

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Noelle, Midiã
Comunicação antirracista: um guia para se comunicar
com todas as pessoas, em todos os lugares / Midiã Noelle. --
São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.
192 p.

ISBN: 978-85-422-3192-2

1. Antirracismo – Comunicação 2. Jornalismo I. Título

25-0490

CDD 305.8

Índice para catálogo sistemático:
1. Antirracismo – Comunicação



Ao escolher este livro, você está
apoiando o manejo responsável
das florestas do mundo e de
outras fontes controladas

2025
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4ª andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

1.

A COMUNICAÇÃO

COMO LEGADO FAMILIAR

Aqui, com esta publicação, perpetuo a materialidade da coragem das pessoas que me antecederam ancestralmente, em especial meu pai, que não está mais entre nós no campo físico. Início este livro falando sobre ele: Hidelbrando de Santana, Dedéu, seu apelido, ou *Bambá*,² a primeira pessoa que me abriu os olhos para a comunicação. Um homem que nunca foi adepto de religiões de matrizes africanas. Pelo contrário, nos anos finais de sua vida, tornou-se evangélico, assim como a maioria dos meus familiares. Mas, se fosse do asê, certamente teria Ogum como orixá de frente – pelas tecnologias, pela evolução, pelos caminhos abertos. Como eu, sua filha. Ogunhê.³

Começo o livro contando sobre meu pai para, quem sabe, criar uma proximidade com quem me lê. Mesmo sabendo que, talvez, por trazer uma referência religiosa afro-brasileira, isso possa justamente resultar em um afastamento. Mas eu sou uma pessoa que tem fé. Se você chegou a estas páginas, não foi por acaso. Eu tenho fé, sobretudo, no poder da comunicação. Laroyê.⁴

Adianto que, nesta obra, o respeito e a valorização da memória são o fio condutor. Trata-se de um livro que se propõe a ser um registro do nosso tempo, inclusive a partir de referências

televisivas, sobre um tema tão novo e, paradoxalmente, tão antigo: a comunicação antirracista. Novo pela atual notoriedade do termo, advinda de um trabalho árduo de pesquisadores e comunicadores negros e negras, sejam essas pessoas diplomadas ou não. Antigo por ser um conjunto de práticas de lutas individuais e coletivas de pessoas negras, em oposição à estigmatização das culturas africanas.

Considerando a sua disposição e entrega para a nossa troca, bem como sua intenção de exercer a comunicação antirracista como prática diária, convido você a se debruçar nas próximas páginas de forma empática. Pois a empatia é imprescindível para sentir o livro e entender o conceito. Peço empatia para comigo, sobretudo: uma mulher negra, nordestina, de 37 anos, que compartilha nestas páginas mais do que um guia. Entrego em suas mãos uma missão que se confunde com a história da minha própria vida. Ao longo desta publicação, apresento possibilidades para auxiliar a construção de um método individual, mas considero as minhas trincheiras de luta e os métodos coletivos de enfrentamento ao racismo. O objetivo é que você compreenda como se constitui a comunicação antirracista na vida de uma pessoa.

Volto ao meu pai, pois acredito que este livro começou a ser escrito na minha mente há mais de três décadas, com a ajuda dele. Discorrer sobre comunicação antirracista é versar sobre tempo e legado. Algumas coisas da vida, como lidar com a sensação de perda, só compreendi, de fato, com o tempo. E te pergunto: você já amou tanto alguém que, ao perdê-lo, sentiu-se sem norte? Como se essa pessoa, que antes era a liderança do seu fã-club, o tivesse deixado sem comando? Ficou com a sensação de fazer uma apresentação e não ter um público presente para aplaudir você?

Bem, sinto isso desde 31 de julho de 2021, data do falecimento do meu pai.⁵ Trago a imagem de um público porque, no tocar da vida, abrir-se para ser visto é permitir-se ser celebrado. Gosto de dizer que “viver é um espetáculo”, ou uma série longa, muito maior do que *Grey’s Anatomy*.⁶

Brincadeiras à parte, sabemos como, para pessoas negras, celebrar nem sempre é permitido, mas fui abençoada com os fãs mais fervorosos de todos: minha família. Minha mãe, Joseide Maria, beirando os 70 anos, segue forte a me aplaudir, mesmo que, às vezes, se sinta melancólica devido à partida do seu melhor amigo por quase quarenta anos.

Assim como ela, tive de me recolocar no mundo após o luto. Falo sobre a morte para reiterar a dignidade que existe em documentar o lado B, o legado, das nossas histórias de vida. Afinal, esse ciclo é bonito, e não apenas carregado de dor. Apesar da frequência com que noticiários compartilham a morte de jovens negros em uma lógica estatística: mais um assassinado e condenado pelo tribunal da imprensa. Apesar da regularidade com que campanhas publicitárias exibem crianças negras em condições de miserabilidade, semimortas, para captar recursos visando a mais um cifrao.

Nós, negros e negras, não somos números.

Assim, acreditando na dignidade que as construções narrativas nos possibilitam enquanto comunidade, conto a história de Hidelbrando como um abre-alas dessa costura de saberes sobre a comunicação antirracista no Brasil. Pois bem. Começemos!

Painho foi um homem que, por onde passou, foi muito amado. Ele estudou e trabalhou em diversas atividades, das que eu lembro: marinho, contador, almoxarife e técnico em telefonia, daqueles que consertam telefone em poste na rua. Mas é como gerente da Trivideo, locadora de fitas no bairro Liberdade, em Salvador, Bahia, que minha memória o reconhece profissionalmente. E, anos

depois, como dono de uma loja de videogame na comunidade do Campo do Milho, no bairro IAPI, também na capital baiana.

Minha vida foi dividida entre o centro da cidade e todos os bairros que fazem parte do distrito sanitário da Liberdade.⁷ Faço o registro territorial como um reconhecimento de que, na produção intelectual negra, não podemos reafirmar o apagamento geográfico de onde viemos, visto que por vezes isto é epistemologicamente ocultado. O geógrafo baiano Milton Santos já dizia:

O território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações de sua existência.⁸

Milton Santos, para mim, é a síntese da representatividade e da influência. Aliás, ao longo do texto conto sobre o nosso entrelace. É uma história boa. Juvenil, mas boa. Inspirada por ele, enfatizo a importância da bagagem cultural de alguns lugares. Na Liberdade, por exemplo, a cultura foi o caminho de resistência, e a forma como essas localidades

eram noticiadas focava, muitas vezes, o viés artístico. Em especial, pela atuação do primeiro bloco afro do Brasil, o Ilê Aiyê, surgido em 1974 na comunidade do Curuzu, em resposta às tentativas de excluir a participação de pessoas negras nos festejos populares de Carnaval. A força dessa movimentação da própria população colaborou para reduzir os danos causados pela estigmatização midiática sobre os territórios negros, possibilitando outros enquadramentos para o local. Por isso, orgulho-me em dizer que sou desse território.

Afinal, como não se tornar uma pessoa que impulsiona o enfrentamento ao racismo por meio da cultura, da educação e da comunicação após escutar “A bola da vez”, composta por Joccy Lee e Toinho do Vale, interpretada pelo Ilê Aiyê? A letra da canção nos mobiliza:

Eu quero saúde e estudar, viver contente
Me formar, trabalhar, ter mais valor
[...]
Ô ô essa reparação já passou da hora
Não desisto, pois eu sou um negro quilombola
Eles pensam que pode apagar nossa memória
Mas a força do Ilê nos conduz nessa trajetória
Esse país aqui foi feito por nós
Ninguém vai mudar, nem calar a nossa voz

[...]

A bola da vez, sou a voz, sou Ilê

A bola da vez, sou a voz, sou Ilê

A bola da vez, sou Ilê, bola da vez.

Entretanto, em locais sem essa dimensão política, a imprensa, sem qualquer constrangimento, construiu a violência como um gancho,⁹ como ocorreu na rua Florisvaldo Silva, mais conhecida como comunidade do Campo do Milho.

Lembro como era seguro, até os meus 15 anos, brincar de bicicleta no campo. Porém, com o crescimento das dinâmicas de violência entre agentes de segurança pública e moradores, as brincadeiras tornaram-se menos frequentes, e uma sensação de medo se instalou. Para não ser injusta, em julho de 2024,¹⁰ deparei-me com notícias positivas veiculadas na imprensa sobre o Campo do Milho, com destaque para a reforma de um campo de futebol. Fiquei emocionada. Todavia, com exceção dessa notícia pontual e rara, a grande mídia de Salvador refere-se ao território apenas com manchetes que relatam mortes, tiroteios e tráfico de drogas. Por isso, discorrer sobre minhas vivências no território é posicionar a memória em uma outra dimensão. Se há pessoas, há amor – e a criminalização não pode prevalecer no enunciado.

Era no amor do Campo de Milho que meninos empolgados jogavam no game do meu pai; que eu acompanhava, com encanto, o misterioso poeta Manoel da Paixão (que me lembrava o cantor Zé Ramalho) caminhando com seus cadernos; que eu encontrava meus vizinhos Elton, Júnior e Aline para conversar e brincar de “baleado” (nome irônico e terrível do jogo de queimada em Salvador); ou que eu observava, a distância, os pagodões (ensurdecedores) que aconteciam no campo.

E era ali que meu pai era visto quase como uma liderança comunitária. Era respeitado e conhecido também por ser cinegrafista e fotógrafo. É nesse ponto que chegamos à sua relação com a comunicação e sua influência neste livro. Certamente, se tivesse nascido homem branco, estaria em círculos que o ajudariam a ser notado. Talvez pudesse ter sido um cineasta. Quem sabe? Com seus 1,85 m, cabelo preto cacheado, sorriso largo e voz grave, Hidelbrando era a imagem de uma pessoa sensível e forte. Contudo, carregava no olhar a frustração de alguém que sobreviveu às adversidades sociorraciais.

Eu o admirava especialmente por conta da locadora. Um apreço um pouco interesseiro, confesso. A loja era o meu passaporte para o mundo, e prestigiar as películas era como um compromisso

com o trabalho do meu pai. Além disso, fui uma criança criada na frente da televisão. Tudo relacionado a essa tela me hipnotizava, eu tinha até uma agenda com o símbolo da MTV na capa, na qual escrevia o nome de todos os filmes a que assistia.

A MTV, aliás, era um dos meus principais encantamentos. Curiosamente (ou nem tanto assim), no Brasil, não havia VJs¹¹ negros na grade principal, exceto pelo programa voltado à cultura hip-hop, o *Yo!*, apresentado pelos rappers KL Jay e Thaíde, transmitido à noite. No finalzinho da existência da emissora na TV aberta, a modelo e atual DJ Pathy Dejesus assumiu o comando. Mas, a essa altura, eu havia me desconectado do canal, especialmente por ter desenvolvido uma consciência racial. Percebe como nem só os programas da Xuxa criaram barreiras no imaginário? Entende por que representatividade importa? Representações e presenças são mensagens que recebemos todos os dias e podem impactar diretamente em nossos projetos de vida e em nossa autoestima.

Por isso, retorno à minha família como um bom exemplo de insurgência. Além da locadora, meus pais se aventuravam como cinegrafistas de festas e casamentos. Havia uma ilha de edição no quarto deles, e eu sempre observava as fitas, os filtros, os

teclados e os monitores. Isso era muito especial para uma família pobre e negra na década de 1990. Mas, ousadamente, o acesso à tecnologia não era uma questão para o seleto grupo composto por meus pais, audaciosos empreendedores do ramo audiovisual, tio Juca (mais conhecido como Piçú) e tia Joselane (codinome Inha), que eram excelentes fotógrafos, e tio Félix (chamado de Boboca desde garoto), o pioneiro da internet e dos computadores, um dos primeiros revendedores da marca Positivo no Brasil. Meu olhar para a comunicação já se formava ali, pois, ao ver aquelas pessoas, entendia que ser comunicadora era possível. Era natural, porque era familiar.

Infelizmente, o tempo de empreendedorismo no audiovisual dos meus pais foi breve. Com a chegada da internet e do DVD, a locadora começou a declinar, e, poucos anos depois, as fitas de videogames ficaram obsoletas. Os demais desbravadores seguiram carreira nas áreas mencionadas. Tio Juca atua como fotógrafo até hoje. Foi ele, inclusive, que me levou ao Pelourinho, quando eu tinha 18 anos, para fazer os meus primeiros cliques, despertando meu olhar artístico e me ensinando a operar uma câmera fotográfica analógica. E que me apoiou em meu primeiro trabalho para a aula

de fotojornalismo. Guardo o filme que fizemos há quase vinte anos.

A comunicação e a educação sempre estiveram presentes na minha vida. Não recebi um nome predestinado à toa: Midiã. Apelidada de midiática, multimídia e, muitas vezes, chamada de “Mídia”. Como não me tornaria comunicadora, jornalista e midiativista?

Lembro que, apesar das dificuldades enfrentadas nos empreendimentos do meu pai, o fato de minha mãe ser funcionária pública federal nos permitiu, a mim e à minha irmã, acesso a escolas particulares até a 8ª série (atual 9º ano do ensino fundamental), além de reforço escolar e curso de inglês. Às vezes, reflito sobre o que seria de mim sem o investimento educacional que recebi, especialmente na graduação. Ao ser bolsista em uma faculdade particular, onde estudei comunicação social com ênfase em jornalismo, pude perceber as nuances do racismo e os desafios que enfrentaria na profissão escolhida. Na faculdade, precisei me encaixar em um molde específico e branco para me encaixar entre os colegas e na profissão. Esse processo aconteceu com o alisamento químico do meu cabelo e outras situações simbólicas que me conduziram para a escrita e a

redação, pois eu não me via como o “perfil ideal” para as reportagens televisivas.

De 2006, quando comecei o curso, aos 18 anos, até 2024, muita coisa mudou, como poderá perceber em várias das temáticas trazidas neste livro. E essa diferença se aplica tanto a mim quanto a novos estudantes negros nas faculdades de comunicação e a profissionais negros de diversos segmentos da área. Porém, como dizia uma professora da disciplina de assessoria de imprensa: “Tá bom, mas tá faltando”.¹²

Apesar dos avanços, é necessário incluir no plano curricular dos cursos de graduação e pós-graduação em comunicação uma disciplina específica sobre comunicação e relações raciais. Uma ação que explicitará a todos os profissionais o quanto essencial essa pauta é para o exercício ético da profissão. Trago essa reflexão porque, a partir do meu processo de tomada de consciência racial e interseccional, compreendi a existência dos vieses cristalizados acerca da população negra, que atua como uma mordaca que impede que nosso potencial apareça. Comunicadores e comunicadoras são, em sua essência, pesquisadores e pesquisadoras. Então, como podem os profissionais desse campo de investigação estudarem apenas

um continente? Como podem não reconhecer a importância do continente africano como berço do mundo? Afinal, a humanidade surgiu em África, assim como os processos civilizatórios.

Por fim, após essa introdução, que também tem um tom de desabafo, confesso que reunir as experiências que me moldaram como comunicadora antirracista, considerando meus quase vinte anos de profissão como jornalista, é um presente. É uma devolutiva dos investimentos feitos em mim ao longo da vida, iniciada pelo sagrado e seguida de todos os que me antecederam, dos que me constituíram – meus pais, o movimento negro, o movimento feminista negro e as mulheres negras, aquilombadas, ativistas ou não. Todas essas vertentes me ajudaram, cuidaram e orientaram em todos os espaços que desbravei e ocupei.

Neste livro, você perceberá, farei muitas menções ao campo do jornalismo e da imprensa negra, assim como ao campo da linguística. A produção desta obra evidencia, nitidamente, a importância da comunicação antirracista, tendo o jornalismo como norte.

É árduo internalizar práticas sem compreender historicamente seus impactos na construção de imaginários, assim como na garantia (ou não) de

direitos para pessoas negras. Isso se deve a dois motivos: pelo fato de eu ser jornalista e ter contato cotidiano com as pessoas que produzem as mídias negras; e porque, para mim, além de comunicação ser educação, também é linguagem. Por isso, é na defesa do jornalismo ético, responsável, consciente e baseado em dados e fatos comprovados que compilo o material aqui reunido.

Encerro para recomendar, enfatizando que registrar uma história negra é reconhecer um compromisso com nossa memória e com as pessoas que, nas rotas do Atlântico Negro, sobreviveram ao escárnio, ao sequestro, às dores, à luta pela vida. Este livro não é apenas um norte que visa aprimorar as práticas comportamentais de pessoas negras e não negras¹³ para uma comunicação antirracista. É a concretização de uma missão destinada a mim antes mesmo do meu nascimento. Ubuntu.¹⁴